

DIVERSÃO

POR MARIA CLARA VIEIRA E NAÍMA SALEH

LIVROS





ENTREVISTA

RENATO MORICONI É UM DOS GRANDES NOMES DA NOVA GERAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL. E SABE COMO NINGUÉM CONSTRUIR NARRATIVAS EM QUE TEXTO E IMAGEM SEGUEM CAMINHOS PARALELOS, MAS COM PONTOS DE INTERSECÇÃO SURPREENDENTES. ELE CONVERSOU COM CRESCER SOBRE SEU MAIS RECENTE LANÇAMENTO:

Qual foi a inspiração para seu novo livro?

Sempre começo desenhando e vejo o que o desenho me diz sobre ele mesmo. Nesse caso, quis brincar com os múltiplos significados do triângulo. Um deles é ser chifre. Costumava fazer narrativas só com imagens para o site Pequeno Leitor, às vezes a partir de um conto. Uma delas foi a de um unicórnio que atravessa uma cidade e chega a uma festa. Eram só três imagens. Esse foi o ponto de partida do livro.

Em *Bárbaro* (incluído na lista de Melhores Livros do Ano da CRESCER de 2014), você já usou a figura dos cavalos no carrossel. O que eles significam para você?

Na história da pintura e para quem gosta de desenhar, o cavalo é uma figura muito presente, para estudar anatomia. Pessoalmente, gosto muito de mitologia e de símbolos. E um dos significados que o unicórnio tem é o da pureza. Pouca gente sabe, mas ele também foi usado para representar o Cristo na Idade Média. Então, me inspirando um pouco nisso, comecei a fazer uma brincadeira com a narrativa, contando sobre o unicórnio que chega à cidade e começa a ser tratado como um messias, um salvador. De certa forma, é uma crítica ao momento que vivemos, em que a religião, muitas vezes, se mistura à política e existe certa espera por um líder messiânico, um salvador.

As ilustrações mesclam pintura a óleo e colagens de obras icônicas, de artistas como Bosch e Boticelli. Como você chegou a esse formato?

O que eu faço no rascunho não necessariamente é o que vai estar no final – e isso sempre deixa meus editores malucos. Demorei uns três anos até chegar a essa fórmula com colagens. Não conseguia alcançar uma linguagem que me satisfizesse. Primeiro, pensei em fazer apenas desenhos em preto e branco, mantendo só os chifres coloridos. Mas, depois, comecei a incorporar vários elementos, trazendo novos significados à história.

Como foi o trabalho de seleção dessas imagens?

O primeiro critério foi a admiração que eu tenho por esses pintores e gravuras.

A história da arte é muito forte, cheia de significados. E inserindo esses elementos à narrativa, faço com que ela também seja embebida por esses símbolos. Coloquei, por exemplo, uma imagem do Duchamp [pintor e escultor francês que foi um dos ícones do dadaísmo] como São Pedro, com um molho de chaves na mão. O livro tem esse aspecto irônico, típico dos dadaístas. E essa é uma das chaves para interpretá-lo. Nenhuma das imagens foi escolhida ao acaso.

E você fez intervenções em várias delas...

Sim! Mudei a posição, fiz inversões, desenhei novas expressões. Faz parte da apropriação. E é também uma forma de subverter nossas referências de história da arte, que são quase todas cristãs e eurocentradas. Acho que a grande sacada do livro é que vemos aquilo que somos levados a ver. Nosso olhar é sempre direcionado. Por isso, temos uma surpresa no final...



O DIA DA FESTA, TEXTO E ILUSTRAÇÕES DE RENATO MORICONI, PEQUENA ZAHAR, R\$ 54,90. A PARTIR DE 5 ANOS.